



Qualidade de vida na Europa: Tendências 2003 2012

Resumo executivo

Introdução

O inquérito europeu sobre a qualidade de vida (EQLS) examina os domínios multidimensionais da qualidade de vida, concentrando-se em aspetos da vida quotidiana (como as relações com a família e os amigos) e em questões importantes para as políticas públicas (como a habitação e as tensões sociais). Determinados fatores económicos – como a capacidade de viver dignamente com os rendimentos auferidos, as dificuldades materiais e a situação económica – também influenciam significativamente a qualidade de vida. Até agora, a Eurofound realizou três séries de inquéritos europeus sobre a qualidade de vida – em 2003, 2007 e 2011 – e a comparação dos resultados destas três séries já permite identificar tendências e mudanças, convergência ou estabilidade, tanto no interior de cada Estado-Membro como entre Estados-Membros.

O relatório explora padrões de estabilidade ou de mudança observados na última década na qualidade de vida da população da UE com idade igual ou superior a 18 anos, prestando particular atenção às diferenças entre diferentes grupos de países, constituídos de acordo com a data da adesão dos mesmos à União (antes ou depois de 2004), com o impacto que neles teve a crise económica e com o respetivo tipo de sistema de previdência. É igualmente prestada particular atenção à situação das pessoas que se encontram em situação vulnerável: pessoas com baixos rendimentos, idosos da UE 12, famílias monoparentais e desempregados de longa duração.

Contexto político

Muitos dos fatores que influenciam a qualidade de vida têm uma dimensão nacional e uma dimensão transnacional. A qualidade de vida depende não só do bem estar individual como também da coesão social das sociedades. Quando lançou o Pacote de Investimento Social de 2013, a Comissão Europeia instou os Estados-Membros a conferir prioridade aos investimentos sociais e a modernizar os Estados providência, de modo a serem capazes de responder a sérios desafios – fortes perturbações financeiras, níveis crescentes de pobreza e de exclusão social e níveis de desemprego sem precedentes (especialmente entre os jovens). Importa notar que estes desafios vêm juntar-se aos já conhecidos problemas do envelhecimento das sociedades e da redução da população em idade ativa.

Nos próximos anos, uma das prioridades da Estratégia Europa 2020, apoiada no Pacote de Emprego e no Pacote de Investimento Social associados, consistirá em encontrar soluções para os problemas causados pela recessão económica e pelo seu impacto social. É importante saber quais os efeitos que a crise e os consequentes cortes nos orçamentos nacionais tiveram na qualidade de vida subjetiva e na qualidade da sociedade. Outra questão importante é a convergência – a atenuação das diferenças entre os países da União e as respetivas regiões e a redução das desigualdades entre os grupos favorecidos e desfavorecidos no seio da sociedade.

Principais conclusões

Globalmente, o bem estar subjetivo manteve-se estável na União Europeia ao longo da última década. Nos Estados-Membros que apresentavam os índices mais baixos em 2003, o bem estar aumentou, tendo-se mantido mais ou menos estável nos demais Estados-Membros. A principal exceção é a Grécia, onde a crise económica surge associada a quedas abruptas dos níveis de satisfação com a vida e de felicidade entre 2007 e 2011.

A maior parte dos países que apresentavam os índices mais elevados de satisfação com a vida em 2007 apresentou uma diminuição da satisfação em 2011, enquanto os países com níveis mais baixos de satisfação com a vida em 2007 tenderam a registar aumentos em 2011. Em contrapartida, a felicidade diminuiu na maior parte dos países entre 2007 e 2011. Nestes tempos de recessão, os níveis mais baixos de bem estar subjetivo são declarados pelos desempregados, em especial pelos desempregados de longa duração, e pelas pessoas que não podem trabalhar.

A proporção de famílias europeias com dificuldades financeiras está a aumentar, tendo-se registado um acréscimo da proporção de famílias que têm dificuldade em viver dignamente, sobretudo entre as pessoas que pertencem ao quartil de rendimento inferior. As diferenças de bem estar subjetivo entre os diferentes quartis de rendimentos estão a aumentar.

As pessoas com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos têm um nível de satisfação com a vida e de felicidade relativamente baixo, e a diferença entre

os níveis deste grupo e os dos restantes grupos etários tem vindo a aumentar.

A satisfação com a família e com a vida social manteve-se elevada e razoavelmente estável entre 2003 e 2011. Em termos de conciliação entre a vida profissional e a vida pessoal, a proporção de trabalhadores que afirmaram estar demasiado cansados depois do trabalho para enfrentar as tarefas domésticas voltou, em 2011, aos níveis de 2003, após um recuo registado em 2007, enquanto a proporção de trabalhadores que afirmaram ter dificuldade em assegurar as responsabilidades familiares se manteve estável. A proporção de trabalhadores que afirmaram ter dificuldade em concentrar-se no trabalho devido às suas responsabilidades familiares aumentou muito ligeiramente.

A tendência duradoura no sentido da aquisição de habitação própria abrandou. No entanto, a maior atenção política prestada às condições de vida desde 2007 pode ter contribuído para melhorar ou, pelo menos, manter as condições de vida (em termos de habitação e de ambiente) dos grupos mais desfavorecidos, apesar da recessão económica.

A satisfação com a saúde diminuiu entre 2003 e 2011, sobretudo entre as pessoas incluídas no quartil de rendimento inferior. A satisfação com a saúde nos Estados-Membros da Europa Central e Oriental aumentou, mas permanece muito aquém do nível do resto da União.

A satisfação com a educação manteve-se estável. A perceção da qualidade dos cuidados de saúde, da qualidade do ensino e da qualidade dos serviços de apoio à infância manteve-se relativamente estável. A perceção da qualidade dos transportes públicos melhorou, mas a perceção da qualidade dos sistemas públicos de pensões piorou.

Os níveis médios de confiança nas outras pessoas diminuíram entre 2003 e 2011; contudo, a perda de confiança nas instituições foi bastante mais marcada. Não obstante, afigura-se que as tensões entre grupos sociais na União (medidas multidimensionalmente) estão a diminuir, com exceção da UE 12, onde as tensões raciais e étnicas terão aumentado entre 2007 e 2011, após terem recuado entre 2003 e 2007. A perceção de tensões entre ricos e pobres aumentou entre 2007 e 2011. A mudança da qualidade de vida está associada à confiança nas pessoas e à perceção de tensão social: a uma maior confiança nas outras pessoas corresponde uma melhor qualidade de vida, enquanto a um aumento da perceção de tensão social corresponde uma redução da qualidade de vida.

Indicadores para políticas

- Embora a satisfação com a vida e a felicidade estejam a aumentar nos países que apresentaram os piores resultados em 2003, os níveis destes países ainda permanecem aquém dos restantes Estados-Membros da União. Para corrigir esta situação, são necessárias políticas de coesão e investimento em políticas sociais.

- Ligeiras quebras dos níveis de felicidade e de satisfação com a vida na UE 15 são resultado da recessão económica. Quando os governos dispõem de recursos financeiros limitados, devem encontrar outras formas de apoiar as pessoas em situação financeira difícil, nomeadamente desenvolvendo estruturas de apoio e ajudando as na gestão das dívidas.
- Os trabalhadores estão igualmente sob pressão em consequência da crise económica, cuja persistência pode ocasionar um aumento dos casos de esgotamento; nestas circunstâncias, os empregadores devem estar mais atentos à necessidade de os trabalhadores conciliarem a vida profissional com a vida pessoal.
- Os trabalhadores mais velhos que perdem o emprego correm um sério risco de se tornarem desempregados de longa duração; além disso, para um trabalhador mais velho, a perda do emprego pode ser acompanhada do agravamento de problemas de saúde. Para manter os trabalhadores economicamente ativos durante mais tempo, os governos nacionais e os parceiros sociais devem formular medidas de gestão da idade, que ofereçam perspectivas de vida profissional.
- A perda de confiança nas instituições públicas suscita preocupação, sobretudo na UE 15, ao passo que a confiança nessas instituições é ainda limitada na UE 12. Nestas circunstâncias, é, pois, importante continuar a investir na capacidade institucional, tanto a nível nacional como a nível da União Europeia. Paralelamente, os governos têm de gerir as expectativas em relação àquilo que as instituições públicas podem e não podem assegurar.
- Em alguns Estados-Membros da UE 12, as tensões raciais e étnicas aumentaram, mas, de um modo geral, mantêm-se a um nível mais controlado do que na UE 15. As diferenças nos padrões de imigração e a diversidade étnica interna devem ser tidos em conta na definição e na execução das políticas de coesão social.
- A análise demonstra a pertinência de uma abordagem mais ativa da proteção social. Num período de recessão, a redução dos rendimentos das famílias tem uma influência negativa ainda mais forte na qualidade de vida. As políticas nacionais e da União devem concentrar-se em medidas preventivas que ajudem os cidadãos a preparar-se para períodos de desemprego, nomeadamente medidas de incentivo à poupança, de promoção da participação em programas de aprendizagem ao longo da vida para aumentar a empregabilidade e de apoio aos candidatos a emprego.

Informações adicionais

O relatório completo *Quality of life in Europe: Trends 2003–2012* (Qualidade de vida na Europa: tendências 2003–2012) está disponível em <http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef1364.htm>

Para mais informações, queira contactar Robert Anderson, chefe de unidade, no endereço rma@eurofound.europa.eu